
Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre

Antonio Jorge Soares*

Introdução

O objetivo deste estudo é analisar os escritos de Gilberto Freyre sobre o futebol e o seu estilo de pensar a identidade brasileira. Seu modo de análise incidiu na formação de uma tradição que faz parte do modo de pensar as singularidades da cultura e da identidade brasileira e, por extensão, do modo brasileiro de jogar futebol. A necessidade de resgatar Gilberto Freyre dá-se em função do fato de que as leituras, descrições e interpretações sobre o futebol brasileiro reproduzem, conscientes ou inconscientemente, os argumentos e imagens freyreanos sobre o tema.

Como já demonstrei em outros estudos, os cientistas sociais quando se remetem ao passado para analisar a história do futebol no Brasil se apóiam no livro de Mário Rodrigues Filho, *O negro no futebol brasileiro* (publicado em 1947 e, republicado e ampliado, em 1964), que foi fortemente influenciado pelo pensamento de Freyre e pelo contexto de construção nacional nas décadas de 1930, 40, 50 do Séc. XX (Soares, 1999). É curioso que os cientistas sociais não considerem a influência do contexto histórico e de Freyre nas páginas do texto de Mário Filho. Em tese, posso afirmar que, pela ampla utilização do livro de Mário Filho, o estilo de Freyre e seu modo de pensar o Brasil, a cultura e, especificamente, o futebol se constituiu numa tradição presente no campo das ciências sociais, no jornalismo e em nosso cotidiano. Vale aduzir que muitos dos

* Professor e pesquisador UGF-BRA.

argumentos utilizados pelos cientistas sociais são quase reproduções literais dos dados, palavras e interpretações de Mário Filho. Portanto, tais reproduções representam, em certo sentido, a continuidade da tradição freyreana na interpretação da cultura.

Parece existir um esquecimento tácito das influências de Freyre sobre a obra de Mário Filho que se tornou, por carência de fontes e/ou pelo vigor do texto, um cânone dos escritos sobre o futebol em nosso país. Por exemplo, Leite Lopes (1994) diz que quem faz uma leitura apressada do 4º capítulo “Ascensão social do negro”, do *O Negro no futebol brasileiro*, poderia ter a impressão de um final feliz em relação ao racismo no futebol, entretanto, uma leitura mais atenta demonstraria que Mário Filho ali já anunciava a persistência do racismo –observe-se que este argumento é do próprio Mário Filho e está escrito em “Nota à segunda edição” (Rodrigues Filho, 1964, s/d). A persistência, segundo Leite Lopes, seria comprovada no acréscimo de dois novos capítulos que Mário Filho fez para edição de 1964. Para Leite Lopes, Mário Filho teria descrito nesses dois novos capítulos, a) o drama do recrudescimento do racismo ao perdermos a Copa de 50, e b) a posterior inversão dos estereótipos raciais com as vitórias nas Copas de 58 e 62. Seguindo essa mesma linha de interpretação Gordon Jr. diz que:

“A constatação dessa lenta mudança, no entanto, não pode ser confundida com a idéia de plena “democracia racial” ou com ilusão de que por intermédio do futebol pusemos fim ao racismo. O livro de Mário Filho nos apresenta fatos que constituem um processo de democratização das relações raciais dentro da sociedade brasileira, no qual o futebol exerceu um papel de grande importância. Mas um processo que, não custa repetir, está longe de seu término” (1995: 74).

Leite Lopes e Gordon Jr., indicam, pelos argumentos apresentados acima, que *O negro no futebol brasileiro* não pode ser classificado como um exemplar da ideologia da democracia racial. Entretanto, esquecer ou deixar de apontar a influência de Freyre e da ideologia de integração nacional na obra em questão parece se constituir numa operação de “asepsia ideológica”, no sentido de resignificá-la a partir de uma linguagem politicamente correta de denúncia do racismo. Tal interpretação sobre o texto de Mário Filho é fruto da falta de trabalho histórico, da ausência de novos levantamentos e de um certo ceticismo; atitude indispensável ao ofício de qualquer pesquisador. Leite Lopes e Gordon Jr. imputam a Mário Filho uma atitude crítica frente à ideologia da democracia racial. Transformar Mário Filho em crítico da ‘democracia racial’ só pode ocorrer em função dos desejos ideológicos dos autores citados acima ou da falta de rigor na análise da fonte que tomam como base. Ao comparar as edições do NFB os verifiquei que Mário Filho, na edição de 1964, retira frases e parágrafos que decretavam o fim do racismo no futebol. Vale observar os textos suprimidos que aparecem grifados na citação abaixo:

“A torcida do Flamengo andou afastada dos campos uns tempos, só voltou quando o team, sem Domingos, estava para levantar o tri-campeonato. Sem Domingos e sem Leônidas. Leônidas no São Paulo, Domingos no Corinthians, um pensando num restaurante quando deixasse de jogar foot-ball, o outro mandando construir casas em Bangu. Nenhum jogador tinha subido tão alto quanto esses dois negros do foot-ball brasileiro. Já se sabia, porém até onde podia chegar um artista da pelota, para usar um termo que ainda sai nos jornais. Branco, mulato ou preto. Porque em foot-ball não havia o mais leve vislumbre de racismo. Todos os clubes com seus mulatos e os seus pretos. (81) Um preto marca um goal, lá vêm os brancos abraçá-lo, beijá-lo. O goal é de um branco, os mulatos, os pretos, abraçam, beijam o branco (Rodrigues Filho, 1947: 293).

A notas de rodapé (números 81 e 82) retiradas por Mário Filho para a nova edição também indicam sua franca adesão à imagem que o Brasil havia resolvido, já na década de 1940, o problema racial:

(81)– Dos quatro mil cento e quarenta jogadores que passaram pelo Departamento de Assistência Social da Federação Metropolitana de Foot-ball, durante a temporada de 45, 60% eram brancos, 21% mulatos, 2,5% caboclos e 16,5% pretos. (relatório de 1945 do Departamento de Assistência Social da Federação Metropolitana de Foot-ball). Todos os sessenta e três clubes filiados com brancos, mulatos e pretos em todos os seus teans, desde o primeiro até o de juvenis.

(82)– E quem está na geral, na arquibancada, pertence a mesma multidão. A paixão do povo tinha que ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais. Compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota (Rodrigues Filho, 1947: 293).

Essas provas e argumentos parecem suficientes para demonstrar que o texto de Mário Filho, em 1947, é um típico exemplar da ideologia da democracia racial. O não reconhecimento da relação intelectual entre Freyre e Mário Filho, ocorre, provavelmente, por Freyre ainda ser ligado a uma espécie de ingênua ideologia de democracia racial –apesar do ressurgimento do debate de sua obra no interior das ciências sociais brasileiras nos últimos anos. Tal postura em pode ocorrer em função dos autores lidarem com a imagem “popular do pensamento freyreano”.

O “freyrismo popular” pode ser definido, por críticos ou adeptos, como a idéia de que no Brasil não existe racismo; idéia ingênua e simplista que não podemos atribuir a obra de Gilberto Freyre. Seu engajamento como intelectual e cidadão na luta contra o racismo e na militância para aprovação da Lei Afonso

Arinos (1951) indica que Freyre tinha convicção da existência do racismo no Brasil, embora pudesse pensar na singularidade do racismo brasileiro e nas formas pacíficas de gradual superação. Freyre também pensava que a democratização era gradual e que a ideologia da morenidade auxiliava esse processo. Entretanto, há que se separar, ou pelo menos analisar com mais cuidado, as interfaces entre aquilo que Freyre escreve para os jornais (sua militância) de sua obra sistemática sobre o processo de desintegração do sistema patriarcal, e sobre a formação da cultura brasileira. A interpretação de Leite e Lopes e de Gordon Jr. sobre *O negro no futebol* brasileiro apresenta *bias* em função de terem acreditado nas palavras de Mário Filho em 1964:

“Há de parecer estranho que sem ter que modificar nada que escrevi, conservando intactas as quatro partes da primeira edição do *O negro no futebol brasileiro*, a segunda surja aumentada e tenha a pretensão de definitiva” (Rodrigues Filho, 1964: s/p, Nota à segunda edição).

Não colocar o problema das influências e da relação entre Freyre e Mário Filho, possivelmente reduz os problemas daqueles que utilizam cegamente os dados do *O negro no futebol brasileiro* (Soares, 1999). Se os interpretes de Mário Filho não tiveram o distanciamento necessário, o mesmo não se pode dizer de Freyre em relação ao seu amigo. Freyre ao prefaciar a primeira edição do *O negro no futebol brasileiro* manteve certo distanciamento.

Freyre renderia todos os louvores a Mário Filho, pois, disse que ele como escritor é “ágil e plástico (...), é também pesquisador inteligente e pachorrento para quem a história do futebol em nosso país parece já não ter mistério nenhum” (Freyre, 1947: s/p). Estendia os elogios a toda família “Rodrigues”, dizendo não se espantar diante do talento de nenhum deles. Noutra direção, os elogios ganhariam um tom mais dúbio quando diz que “[O] futebol teria numa sociedade como a brasileira (...) uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou parassociológico” (Freyre, 1947: s/p). O que quer dizer Freyre quando diz que a obra pode ser classificada como parassociológica? Talvez esteja indicando que o texto não possa ser classificado como sociologia propriamente dita. Tal ambigüidade parece ser esclarecida ao final do prefácio, na medida em que, esperava “ver Mário Filho se encaminhar cada vez mais, através de estudos mais demorados e mais profundos do assunto” (Freyre, 1947: s/p). Freyre talvez tenha se preocupado em colocar-se como um acadêmico diante de um texto que, apesar da proximidade com parte de suas idéias, ainda carecia de maiores aprofundamentos e rigor do ponto de vista sociológico.

O que estou argumentando, e isso não é novidade nenhuma, é que Freyre influenciou toda uma geração e auxiliou a criar uma nova interpretação do Brasil. Segundo Skidmore, “tornou-se o autor de não-ficção mais lido no Brasil porque foi capaz de tomar uma das questões que mais preocupavam a elite brasileira –se a supremacia branca nos Estados Unidos indicava o caminho único para o desenvolvimento nacional– e virá-la de ponta-cabeça” (Skidmore, 1994: 42).

A apreciação feita por Skidmore encontra ressonância no depoimento de Luis Jardim sobre o papel de Gilberto Freyre para o Brasil e para sua geração:

“Porque antes dele não tínhamos, rigorosamente (pelo menos aqui em Pernambuco), o sentido cultural do brasileiro. Quero dizer, o sentido que nos devia dar um amplo conhecimento de nós mesmos, com todas as nossas qualidades e defeitos, aproveitando o que de mais puro e genuinamente brasileiro escapava aos estudiosos de nossa história e formação social. Foi sem dúvida graças a sua sensibilidade aguçada pelos estudos e pelas viagens, que tivemos tão desenvolvido o senso das nossas tradições de cultura, fora do exclusivismo europeu; o gosto pelo estudo dos nossos hábitos e costumes; das músicas, danças e ritos de religiões africanas (...) A cada coisa, expressão da nossa “cultura”, que ia passando despercebida, dava Gilberto Freyre um interpretação nova, de que resultava um encanto, um interesse, um sentido especiais. É a sua descoberta da mulata, no novo sentido que lhe deu. Cantou-a mesmo no seu poema ‘Bahia de todos os Santos e de quase todos os pecados’ (...) Também é a do negro e a do mestiço, nas suas possibilidades culturais que tem procurado salientar do ponto de vista sociológico e histórico-social (...)” (Jardim, s/d: 17-19).

Roger Bastide diz que *Casa grande & senzala* não revolucionou apenas a sociologia brasileira, mas também teria exercido influência na literatura romanesca (Bastide, 1987). Nesta direção, pode-se dizer que muitos dos romances que tomam como tema às realidades regionais, as transformações econômicas e as relações raciais, passam a ter o pensamento de Freyre como fundo. Bastide cita que os temas regionalistas tratados por José Lins do Rego, por exemplo, não poderiam ser separados da obra de Gilberto Freyre. Mário Filho, que também fora influenciado pelas interpretações freyreanas, tivera, provavelmente, o mesmo sentimento de Luis Jardim, de José Lins do Rego e dos de sua geração. José Lins do Rego assumia publicamente e por cartas aos amigos à influência de Freyre em sua vida (Freyre, 1987).

José Lins do Rego era amigo de Freyre e a Mário Filho. Zelins, como era chamado pelos amigos, era um apaixonado por futebol; ou como Zelins diria, pelo Flamengo. Trabalhou como colunista do Jornal dos Sports cujo proprietário era Mário Filho. Zelins ao prefaciá-lo o livro do amigo Mário Filho, *Copa Rio Branco*, 32 (Rodrigues Filho, 1943), traduz o sentimento daquela geração sobre a miscigenação bem ao estilo freyreano no prefácio que nomeou como “A biografia de uma vitória”:

“Mário Filho escreveu a biografia de uma vitória. Nela pôs todas as cores do Brasil. Os rapazes que venceram em Montevideu eram um retrato de uma democracia racial, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martins. Tudo feito à boa moda brasileira, na mais simpática improvisação. Lendo este livro

sobre foot-ball, eu acredito no Brasil, nas qualidades eugênicas dos nossos mestiços, na energia e na inteligência dos homens que a terra brasileira forjou com sangues diversos, dando-lhes uma originalidade que será um dia o espanto do mundo” (Lins do Rego, 1943: 7).

Os escritos de Freyre sobre a cultura fizeram escola em sua época e acabou formar uma tradição que se reproduz em análises históricas, antropológicas e sociológicas. Contudo, tais análises estão muito mais próximas de um freyrismo popular; mais de seus escritos jornalísticos do que de sua obra sistemática. Nesse sentido, pode-se consultar as elaborações de Santos (1981), DaMatta (1982), Murad (1994), Gordon Jr. (1995), para citar alguns. Em síntese, esses autores associam o sucesso do futebol brasileiro as idéias/qualidades de manha, malícia, malandragem, capoeira, ginga, samba, improviso, arte etc. Essas características assumem nos discursos sobre o futebol à pura expressão de singularidade ou de estilo cultural; singularidade que estava presente nos esparsos escritos de Freyre sobre o futebol. Em *Futebol, malandragem e identidade* (Soares, 1994) demonstrei que a singularidade de nossa identidade não está no futebol malandro ou no “traço sócio-cultural da malandragem”, mas sobretudo nos discursos, acadêmicos e jornalísticos, que naturalizam tais características como uma quinta-essência dos brasileiros. Passemos à análise dos escritos de Freyre sobre o futebol para que observemos sua presença nessa tradição que acabamos de problematizar.

Hibridização, mestiçagem e apropriação cultural

Na introdução destaquei o argumento de que Freyre, ou uma espécie de freyrismo popular, está presente na historiografia do futebol. Tal presença ganhou força pela permanência do livro de Mário Filho nas atuais produções acadêmicas sobre o futebol. Entretanto, é bom lembrar que Freyre, mesmo antes de ter contato com o livro de seu amigo Mário Filho, já teria dedicado ao futebol alguma atenção.

Em 12 de dezembro de 1929, Freyre publica no periódico *A Província*, sob o pseudônimo de Jorge Rialto, um artigo intitulado “Fair Play”, no qual critica a falta de esportividade da mocidade brasileira, comentando as agressões ocorridas num jogo realizado no Rio de Janeiro. Em 1936, na primeira edição de *Sobrados e Mucambos*, escreve um significativo parágrafo sobre a ascensão do mulato nos esportes, no Exército, na Marinha e nas Forças Públicas.

“Observa-se, entretanto, nas gerações mais novas de brasileiros –gerações menos atingidas por aquela de garantias sociais– a ascensão do mulato não só mais claro como mais escuro, entre os atletas, os nadadores, os jogadores de foot-ball, que são hoje, no Brasil, quase todos mestiços. O mesmo é certo do grosso do pessoal do Exército, da Marinha, das Forças

Públicas e dos Corpos de Bombeiros: dos seus campeões nos sports, entre os quais os negros retintos parecem que são cada vez mais raros, embora de modo algum ausentes. Predomina o pardo. O mestiço. Pardos e mestiços, que vêm enfrentando vantajosamente os brancos e os pretos nos jogos, nos torneios, nos exercícios militares” (Freyre, 1981 [1936]: 362).

Os feitos dos esportistas negros e mestiços, nesse espaço social, assim como os feitos de intelectuais, literatos e artistas (descritos por Freyre em outras partes do livro), também da mesma origem étnica, eram a prova de que a raça e a mestiçagem não poderiam constituir-se em critério de desqualificação. É interessante nas reedições de *Sobrados e Mucambos*, após 1947, Freyre inclui nesta parte do texto a referência ao livro de Mário Filho, *O Negro no futebol Brasileiro*.

No *Diário de Pernambuco* (17-06-1938) escreve “Foot-ball Mulato”, cuja linha de argumentação explica o sucesso do futebol brasileiro na Copa de 38 pela forte presença do elemento afro-brasileiro na equipe que foi à França. Freyre refere-se especificamente às qualidades do futebol brasileiro, que possui “um estilo que amolece em danças e curvas as áridas técnicas do futebol europeu”. Em 1945, Freyre escreveu *Brazil: an interpretation*, livro no qual dedicou um par de parágrafos à forma dançada do brasileiro jogar futebol, estilo adquirido pela presença de elementos de dança africana que estariam entranhados ‘racial e culturalmente’ em nossa sociedade. Pode-se identificar que Freyre, além dos vínculos emocionais com o futebol, o vê como mais um elemento de agregação à sua perspectiva teórica e ideológica. Quando escreve suas grandes obras o futebol já é um elemento inteiramente disseminado em todas as camadas sociais e a ascensão social, via esse esporte, já estaria ocorrendo na sociedade brasileira na década de 30. Assim, o futebol ou qualquer elemento cultural importado na perspectiva de Freyre acaba recebendo os contornos ou é amolecido por nossa híbrida cultura.

No artigo, “Foot-ball mulato”, fica evidente que ser brasileiro no futebol ou em qualquer espaço social equivale a admitir a presença do negro, sobretudo na figura do mulato:

“Um repórter me perguntou anteontem, o que eu achava das admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux”.

Respondi ao repórter (...) que uma das condições de nosso triunfo, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. (...)

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se

exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política.

Os nossos passes, os nossos pitu`s, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil” (17-06-1938: s/p).

O texto expressa o orgulho pela boa campanha brasileira na Copa de 1938. Para Freyre, a comissão técnica teve a coragem de colocar na seleção à “cara” daquele Brasil do qual as elites brasileiras se envergonhavam no passado. Freyre demarca nossas diferenças dos europeus, e com isso estaria inventando ou reforçando as singularidades que acreditamos ter o futebol brasileiro e o Brasil. O imaginário que existe por trás desta construção de identidade é que, mágica ou criativamente, o brasileiro descobriria o próprio caminho como nação quando aceitasse o Brasil como ‘ele é’, isto é, miscigenado.

A construção de uma identidade positiva assume um tom psicanalítico. Colocar a auto estima da nação no divã da sociologia e da literatura brasileira foi o legado de Freyre: “[E]ra como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação” (Freyre, 1981: xlvii). Apesar das adversidades, do complexo de inferioridade e da distância que o Brasil tinha dos países desenvolvidos, Freyre ressalta que os resultados da Seleção de 1938 era mais um dos indícios do potencial da ‘civilização mestiça’. É possível notar que estamos diante de um discurso que tenta descobrir ou descortinar a nação ou o seu *dever ser* –e, de fato, a nação, na forma de estado nacional, não poderia desconsiderar o elemento afro-brasileiro ou nenhuma outra etnia. Este sentimento de realização da nação via futebol está estampado nas páginas dos jornais da época em que Freyre escreve essas linhas (Negreiros, 1998).

Freyre tinha um projeto de realização pessoal que incidiu na formação da cultura nacional. Ele foi um homem que desejava deixar sua marca na história, o que de certa forma logrou sucesso. Desejava tornar o Brasil um país que se orgulhasse de suas diferenças como marca de superioridade. A miscigenação em larga escala no Brasil, que no passado fora vista como um empecilho ao progresso e motivo de vergonha, torna-se um desafio para o pensamento de Freyre (Skidmore, 1994). Seu projeto foi buscar, no mar de contradições, violências e antagonismos próprios do desenvolvimento do “novo mundo”, o que era *ser brasileiro*, isto é, tornar aquilo que era visto como vergonha em motivo de orgulho e identidade.

Freyre num processo de auto-reflexão afirma seus estudos nos Estados Unidos da América com o Professor Franz Boas o dera o distanciamento necessário para observar o vigor da cultura brasileira: “Boas que me revelou o negro e o mulato no seu justo valor –separados dos traços de raça os efeitos do ambiente da experiência cultural” (Freyre, 1992: xivii). Assim, a separação entre raça e cultura fora uma ferramenta que herdara de Franz Boas para melhor entender seu país e sua cultura. A iluminação teórica conseguida nos Estados Unidos o fez entender, por comparação, que a miscigenação em larga escala e sua aceitação era uma das marcas da vigorosa experiência cultural que aqui se havia instalado. A tensão racial nos Estados Unidos era, provavelmente, pensada como um elemento que poderia destruir, no futuro, a unidade daquela próspera e invejada nação. A raça se torna no pensamento de Freyre produto do meio ambiente, do sistema alimentar e educacional, e não uma predisposição genética que pode ser qualificada como inferior ou negativa.

A construção da nação deveria partir das tradições culturais ao invés de raças. Nessa tese, Freyre (1992) apoia-se em Spengler quando afirma ser impossível transportar uma raça de um continente ao outro, o que demandaria levar a raça com seu meio físico. Os imigrantes, ao se instalarem em um outro meio físico, diverso daquele de origem, buscam novas adaptações, ainda que, forçosamente, desejem “recriar o meio de origem”. O sistema de alimentação é uma das adaptações que teriam importância no processo de “diferenciação dos traços físicos e mentais dos descendentes de imigrantes”. De fato, Freyre quer marcar, tal como alguns de nossos higienistas no início do século, que os problemas do Brasil não eram decorrentes da raça, no sentido biológico e sim da falta de condições sanitárias e educacionais (Hochman, 1993). Contudo, apesar dos problemas contingentes, o vigor da cultura do Brasil decorreria justamente do encontro das diferentes tradições culturais, das etnias, que aqui se acomodaram, conciliaram e formaram unidade. Diversidade, conflitos e contradições jamais são vistos como empecilhos, tal como numa perspectiva de uma sociologia do conflito. Observe no trecho a seguir como funciona o seu raciocínio frente aos antagonismos:

“[A] tradição conservadora no Brasil sempre se tem sustentado do sadismo do mando, disfarçado em “Princípio de Autoridade” ou “defesa da ordem”. Entre essas duas místicas –a da Ordem e a da Liberdade, a da Autoridade e a política, precocemente saída do regime de senhores e escravos. Na verdade, o equilíbrio continua a ser entre as realidades tradicionais e profundas: sadistas e masoquistas, senhores e escravos, doutores e analfabetos, indivíduos de cultura predominantemente européia e outros de cultura predominantemente africana e ameríndia. E não sem certas vantagens: as de uma dualidade não de todo prejudicial à nossa cultura em formação, enriquecida de um lado pela espontaneidade, pelo frescor da imaginação e emoção do grande número e, de outro lado, pelo contato,

através das elites, com a ciência, com a técnica e com o pensamento adiantado da Europa. Talvez em parte alguma se esteja verificando com igual liberalidade o encontro, a intercomunicação e até a fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagônicas, de cultura, como no Brasil. É verdade que o vácuo entre os dois extremos ainda é enorme; e deficiente a muitos respeito entre a intercomunicação entre duas tradições de cultura. Mas não se pode acusar de rígido, nem de falta de mobilidade vertical –como diria Sorokin– o regime brasileiro, em vários sentidos sociais é um dos mais democráticos, flexíveis e plásticos” (Freyre, 1992: 52)

Os antagonismos culturais, os vácuos entre diferentes tradições, são vistos como motivos de esperança sobre o futuro do Brasil, pois, para Freyre aqui havia se instalado um modo cultural flexível de lidar com essas contradições. Escravidão, violência, confraternização e miscigenação não são dados vistos sob um ponto de vista moral, mas apenas como elementos para pensar a continuidade do processo cultural e, conseqüentemente, o seu produto (Freyre, 1978). Freyre talvez pensasse o Brasil sartreanamente: o passado não deveria ser julgado; contudo, deveria se saber o que fazer com a herança dele no presente. Logo, sua preocupação foi pensar o que era ser brasileiro a partir da desintegração da família tutelar (ou patriarcal), com tudo que tinha de positivo ou negativo. Isto tornaria a mestiçagem, antes vista como empecilho ao progresso e gerada pela imoralidade do colonizador, simplesmente um dado que deveria ser equacionado e ter seus efeitos observados.

Freyre discorda da crença de que a mestiçagem e o peso do negro impediriam o desenvolvimento do país, tomando como contra-exemplo os Estados Unidos. Sua experiência com Estados Unidos dos anos 20, por ter uma política hostil e violenta em relação aos negros no sul, tornou-se uma referência para pensar positivamente as relações raciais no Brasil. O parâmetro comparativo para Freyre era sua experiência de jamais ter presenciado a mesma hostilidade e violência contra os negros que observou nos Estados Unidos. Aqui em nossa terra, a contemporização dos antagonismos teria criado um clima de maior tolerância, que auxiliaria o processo de democratização e de construção da unidade em torno da nação. O fantasma da desagregação norte-americana, pela intolerância racial, era uma imagem partilhada com os intelectuais brasileiros de sua geração que fornecia esperança para o futuro do Brasil. Os Estados Unidos, por suas semelhanças continentais e por ser uma jovem nação, sempre fora tomado como referência, por intelectuais brasileiros, para identificar os motivos de atraso do Brasil (Skidmore, 1994).

A mestiçagem nos Estados Unidos teria também ocorrido –para Freyre a violência sexual é própria dos regimes escravocratas–, tendo sido, contudo, as relações sociais, familiares interétnicas fortemente reprimida pelas características do puritanismo da sociedade norte americana. No Brasil a convivência com a

prole mestiça se deu de forma diferente justamente pelas características adaptativas e culturais da colonização portuguesa. Nos Estados Unidos, o sistema de classificação era assumidamente birracial: branco ou preto; isto significava que o mestiço era classificado como negro. Não existia a figura do mestiço (mulato ou *colored*). Isto é, ainda que as características fenotípicas de um mestiço fossem bem próximas da ‘raça branca’, este seria classificado como negro, pois, a “hipodescendência” determinava a raça e justificava a separação social. Tal separação entre brancos e negros foi legitimada legalmente, na medida em que o casamento inter-racial foi proibido por lei até meados do século XX em vários estados norte-americanos (Skidmore, 1976; 1994).

Freyre não descrevia apenas uma imagem idílica das relações raciais no Brasil (descreveu racismo, preconceito e violência sexual), contudo, sua esperança advinha da singularidade com que os portugueses contemporizaram os antagonismos raciais e culturais. Esse tema aparece descrito explicitamente em CG&S, SM e *Ordem e Progresso*. A não-repressão legal aos casamentos inter-raciais, a flexibilidade e o gosto do português pela mulher de pele morena (que vinha da história dos relacionamentos na Península Ibérica), além da inferioridade numérica de mulheres portuguesas no Brasil, teria feito da miscigenação um fator de contemporização de antagonismos e de aplainamento de tensões. Esses são alguns dos mecanismos culturais que para Freyre explicariam a positividade da miscigenação que se instalou no Brasil.

A contemporização de antagonismos acabou por tornar-se um modelo para pensar a formação social brasileira. Assim, o rígido e disciplinado futebol dos anglo-saxões teria sido amolecido ou arredondado seu estilo na plástica cultura brasileira. Mas quais antagonismos se equilibram, especificamente, no futebol? O problema é que este modelo se torna heurístico para pensar qualquer manifestação cultural no Brasil, sem que muitas vezes se demonstre onde estaria o equilíbrio de antagonismos. A sombra deste tipo de explicação transforma-se em pura construção de identidade ou mito quando os mecanismos não são explicados (Elster, 1994).

A nova cultura que aqui se instalou, reuniu o diverso, o múltiplo, o antagônico em todos os espaços sociais (da culinária, passando pela política ao futebol). O futebol, assim, teria tornado-se parte dessa cultura híbrida. O brasileiro, no futebol e em outros espaços sociais, é visto como astucioso, manhoso, hábil, ligeiro, isto é, diante da adversidade dá um *pitu*, como foi descrito por Freyre sobre a Copa de 38. Na busca das singularidades, nosso autor inventa, ou apenas reforça, a intuição popular de que “alguma coisa de dança ou capoeiragem” existia no futebol jogado pelos brasileiros. Sugere uma espécie de semelhança estética entre futebol, samba e capoeira. Contudo, observe-se que a sugestão se torna, tanto no discurso popular quanto no acadêmico, uma ‘verdade’ que se confunde a ‘essência’ ou a naturalização da cultura brasileira.

Faz-se necessário realizar uma digressão no sentido de esclarecer a essencialização da cultura. Observe-se que DaMatta apresenta certa semelhança ou continuidade do tipo de tradição que tem em Freyre um dos seus representantes centrais:

“É sabido no Brasil que o futebol nativo tem no jogo de cintura; ou seja, malícia e *malandragem*, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu, um futebol fundado na força física, capacidade muscular, falta de improvisação e de controle individual de bola dos jogadores. Em contraste com o futebol brasileiro, que existe essa improvisação e “jogo de cintura”, o futebol na Europa surge como uma variante “quadrada” e autoritária da prática do mesmo esporte.(...) Na malandragem, como no “jogo de cintura”, estamos nos referindo a um modo de defesa autenticamente brasileiro, que consiste em deixar a força adversa passar, (...)Em vez de enfrentar o adversário de frente, diretamente, é sempre preferível livrar-se dele com um bom movimento de corpo, enganando de modo inapelável. O bom jogador de futebol e o político sagaz sabem que a regra de ouro do universo social brasileiro consiste precisamente em saber sair-se bem” (1982: 28).

DaMatta parece que por vontade de marcar as singularidades acaba, por deslize da pena, por confundir a análise com a construção da própria identidade. De analista transforma-se em construtor e divulgador do Brasil ‘imaginado’, para usar um termo divulgado por Benedict Anderson. Destaquemos que o texto de Freyre, citado anteriormente, sobre o sucesso do futebol brasileiro na Copa de 38 foi escrito para um jornal e é um texto de militância de alguém afinado com a construção e afirmação da identidade nacional. Freyre é analista e construtor. O texto de DaMatta (1982), apesar de ser um texto acadêmico, apresenta muitas semelhanças com o de Freyre mesmo tendo a distância temporal e ideológica. Penso que reflexões epistemológicas sobre o tema da identidade devem fazer parte de nossas preocupações, sobretudo, quando as ciências sociais apresentam continuidade e indiferenciação dos discursos produzidos por mediadores culturais (intelectuais militantes, imprensa etc.) e pelos homens comuns. Não é o papel das ciências sociais afirmar identidades nacionais, regionais, clubísticas ou outras de qualquer natureza, pois, seu papel é interpretar, analisar e explicitar os mecanismos dos processos de construção de identidades.

Freyre é um intelectual militante lutando pela valorização do popular e da cultura mestiça, assim sua reflexão perde o distanciamento necessário quando o objetivo é demonstrar o valor e o vigor cultural da parte do Brasil, da parte negra e mestiça, que antes era vista como inferior. A mestiçagem e o encontro das diferentes etnias se torna um motivo de orgulho, seja no futebol, no samba, na culinária, na política ou em qualquer espaço social. O futebol, como visto sobre a Copa de 38, teria sido apropriado por nossa cultura híbrida e mestiça. Essa visão

é reforçada por Freyre quando escreve o prefácio da primeira edição do *O negro no futebol brasileiro*.

O prefácio escrito para *O Negro no futebol brasileiro*

No prefácio, o mérito que Freyre confere a Mário Filho poderia ser pensado com uma espécie de orgulho do criador de imagem do Brasil que se refletia em vários espaços e também nas páginas do *O negro no futebol brasileiro*. O elogio, assim, seria do ‘mestre’ ao ‘discípulo Mário Filho’ que assumia, ao seu próprio estilo, a mesma empreitada de construir uma imagem positiva do Brasil. Freyre buscava em todas as expressões, detalhes e produtos da cultura a afirmação das singularidades do Brasil. Mário Filho, construiu semelhante olhar sobre o futebol, sobretudo pela influência do negro que teria transformado o futebol anglo-saxão em brasileiro.

Futebol, metrópole, urbanização são marcas de um estilo de vida que certamente, para Freyre, representariam um processo de continuidade-descontinuidade da desintegração do sistema patriarcal. Não foi à toa que Freyre escreveu, no prefácio, que *O negro no futebol brasileiro* descrevia o Brasil na sua fase de transição predominantemente urbana, tanto do ponto de vista cultural quanto do social.

“O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, (...) tomasse aqui o caráter particularmente que tomou (...). O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários elementos irracionais de nossa formação social e de cultura” (Freyre, 1947: 10)

Freyre está expressando pontos de vista que estão em suas principais obras, a saber: *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*. A singularidade, visualizada, intuída ou simplesmente inventada, talvez possa ser encarada pelo fato do futebol parecer condensar simbolicamente aqueles elementos que Freyre entende como cultura vigorosa. Pode-se dizer que o pensamento freyreano pensa a uniformidade, a totalização de padrões, como exemplo de cultura árida e pouco fértil. É por esta razão que Freyre ataca, em *Sobrados e mucambos*, o processo de reeuropeização da sociedade brasileira como uma imposição de padrão no início do Séc. XIX. A monocultura latifundiária e escravocrata, em *Casa Grande & Senzala*, também é vista como um dos males sociais, pela uniformidade e pela devastação que causou na vegetação natural para obtenção do lucro fácil. Um dos efeitos da monocultura seria o “analfabetismo” rápido das novas gerações, que não conheciam sequer o nome das espécies locais (Freyre, 1992). Pode-se, com esses exemplos, entender que a diversidade dá movimento tanto à natureza quanto

à cultura no pensamento freyreano. Daí decorre o valor e o vigor dado a miscigenação que teria se ocorrido racial e culturalmente no Brasil e em todas as expressões da cultura.

A “sublimação de vários elementos irracionais de nossa formação cultural” aponta para o lado positivo da reeuropeização, isto é, tal processo civilizou a sociedade brasileira. O futebol, assim, seria um destes elementos civilizadores, na linguagem freudiana, utilizada por Freyre, que ter-se-ia tornado:

“o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente –pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa– de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol –ou de algum equivalente de futebol– na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio. O cangaceirismo teria provavelmente evoluído para um gangsterismo urbano, com São Paulo degradada numa sub-Chicago de Al Capones ítalo-brasileiros. A capoeiragem, livre de Sampaio Ferraz, teria, provavelmente voltado a enfrentar a polícia das cidades sob a forma de conflitos mais sérios que os antigos valentes dos morros e guardas-civis das avenidas, agora asfaltadas. O samba teria se conservado tão particularmente primitivo, africano, irracional que suas modernas estilizações seriam desconhecidas, com prejuízo para nossa cultura e para seu vigor híbrido. A malandragem também teria se conservado inteiramente um mal ou uma inconveniência” (Freyre, 1947: s/p).

O Brasil se definiria como nação em processo de formação, no encontro de raças e de diversas tradições culturais, por vezes, antagônicas, que se acomodaram e aprenderam a viver em equilíbrio. Foi este processo que Freyre resolvera descrever com seus trabalhos, e o futebol seria apenas um dos elementos laterais do processo de reeuropeização que fora acomodado ou amolecido na cultura brasileira. Em outros termos, poder-se-ia dizer que Freyre está sentenciando que não existe cultura pura ou sem influência. No entanto, sua intenção é apontar para a singularidade dos arranjos culturais que aqui se formaram.

“A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios –os floreios barrocos tão do gosto brasileiro– um crítico da argúcia de Mário Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais. Em moderna linguagem sociológica, na situação de um apolíneo entre dionisíacos. O que não quer dizer que deixe de haver alguma coisa concentradamente brasileiro no jogo de Domingos como existe alguma coisa de concentradamente brasileiro na literatura de

Machado. Apenas há num e noutra um domínio sobre si mesmos que só os clássicos –que são, por definição, apolíneos– possuem de modo absoluto ou quase absoluto, em contraste com os românticos mais livremente criadores. Mas vá alguém estudar o fundo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas; e por um Domingos, com uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas, de qualquer modo, dança” (Freyre, 1947: s/p).

A associação que Mário Filho realiza em seu texto entre futebol e literatura foi tomada por Freyre para reforçar sua noção de acomodação e de equilíbrio de antagonismos. O futebol de Domingos e a literatura de Machado seriam marcados fortemente pela influência inglesa, embora, se estudados ou olhados com atenção se “encontrará decerto nas raízes de cada um (...), um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca” (Freyre, 1947: s/p). A cultura brasileira poderia ser representada por Machado de Assis e Domingos da Guia, onde as marcas apolíneas se combinam com a expressão dionisíaca das tradições afro-brasileiras. Este foi o modelo criado por Freyre para entender a sociedade brasileira, cuja singularidade estaria nesta forma de conciliar o diverso, o múltiplo e o antagonico.

Freyre diz que nas páginas de Mário Filho poder-se-ia achar o conflito de duas forças, que adjetivaria como imensas, presentes no comportamento ou na vida dos brasileiros: a irracionalidade e a racionalidade, a oposição entre Apolo e Dionísio. Forças que derivariam do tipo de formação singular “de uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas européias” (Freyre, 1947: s/p). A diversidade de tradições formaria um verdadeiro “vigor híbrido”, nas palavras de Freyre, que se acomodaria garantindo o equilíbrio e a unidade da nação.

Façamos uma pequena digressão: qual é a noção de cultura no pensamento freyreano? Pode-se dizer que Freyre possui uma dialética própria para entender os antagonismos e conflitos no Brasil. Não seria uma dialética segundo a qual, dos antagonismos culturais, raciais e de classe, surgiria uma síntese ou uma superação no sentido marxista. Não seria nesses termos que Freyre pensaria os antagonismos, pois eles jamais seriam superados, mas apenas aplainados e conciliados na formação cultural dos trópicos. O vigor cultural é produto do conflito, onde o racional é obrigado a conviver com as forças irracionais, o primitivo com o civilizado, o escravo com o senhor, a natureza com a cultura e

Apolo com Dionísio, isto é, em um saudável estado de tensão. Conflito que nunca resulta em exclusão, mas na manutenção do antagônico, gerando ambigüidade e contradições permanentes. É nesta manutenção que se forma um equilíbrio entre os diversos antagonismos, que formariam uma cultura que guardaria as diferentes “essências, naturezas ou tradições”.

O futebol, tal como o samba, seria expressão da cultura. Para Freyre, os contornos apolíneos do esporte bretão teriam se fundido com elementos primitivos do samba. O processo inverso também teria ocorrido com o samba. O samba só se tornou expressão da cultura brasileira pela presença do branco ou das diferentes etnias que formaram a nação, pois, caso fosse o contrário “teria se conservado tão particularmente primitivo, africano, que suas modernas estilizações seriam desconhecidas, com o prejuízo para nossa cultura e para o seu valor híbrido” (Freyre, 1947: s/p). Aqui fica evidente que o samba seria fruto das diferentes tradições que se condensaram neste gênero musical. O vigor da cultura para Freyre vem da mútua influência ou da circularidade entre o popular e o erudito, entre classes, entre brancos, índios, negros e mestiços. Segundo Vianna (1995), o samba como expressão da música nacional é uma das tradições inventadas que o próprio Freyre e outros intelectuais da sua época ajudaram a inventar.

A modo de conclusão

A invenção do povo, da cultura, de uma ancestralidade comum, a unificação língua e institucionalização de rituais nacionais, entre outros, foram poderosos instrumentos de eficácia simbólica na afirmação das nações (Hobsbawm, 1990). No Brasil, o processo de invenção da nação ou das singularidades de nosso povo (miscigenação, samba, futebol, culinária etc.) vem de uma tradição iniciada por Varnhagen em 1850 e que vai ter em Freyre e nos anos trinta a mais forte expressão desses sentimentos (Reis, 1999). É, portanto, importante que retomemos Freyre para refletirmos sobre boa parte da historiografia e das análises sociológicas do futebol brasileiro, reconhecendo que sob a aspiração das novas elaborações encontramos a reiteração dos elementos de uma tradição de interpretação da cultura e da identidade brasileira.

Diante dos argumentos apresentados no decorrer do estudo, podemos afirmar que o futebol, samba capoeira e outros elementos culturais foram e ainda são tratados como expressões de identidade brasileira. O problema epistemológico que se coloca é até que ponto nossas análises sociológicas ainda se confundem com o processo de afirmação de identidades nacionais num mundo onde esse ‘sentimento coletivo’ se perde e se fraciona diante dos novos arranjos econômicos e culturais. Ainda faz sentido pensar a nação e nacionalidade com as ferramentas conceituais que possuímos? Esse problema merece atenção em nossos futuros investimentos em nossa comunidade.

Bibliografia

- Bastide, Roger 1987 (1953) “Apresentação de Gilberto Freyre”, in *Folhetim Gilberto Freyre da Folha de São Paulo (1900-1987)* (São Paulo) 24 de julho.
- DaMatta, Roberto 1982 “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, in DaMatta, Roberto (org.) *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira* (Rio de Janeiro: Pinakotheke).
- Elster, Jon 1994 *Peças e engrenagens das ciências sociais* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará).
- Freyre, Gilberto 1945 *Brazil: an interpretation* (N. Iorque).
- Freyre, Gilberto 1947 “Prefácio”, in Rodrigues Filho, Mário *O negro no futebol brasileiro* (Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores).
- Freyre, Gilberto 1978 *Prefácios desgarrados* (Rio de Janeiro: Cátedra-INL).
- Freyre, Gilberto 1981 (1936) *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano* (Rio de Janeiro: J. Olympio) Vol. I e II.
- Freyre, Gilberto 1987 *Vida, forma e cor* (Rio de Janeiro: Record).
- Freyre, Gilberto 1992 *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (Rio de Janeiro: Record).
- Gordon Jr., C. 1995 “História social dos negros no futebol brasileiro”, in *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol* (Rio de Janeiro: Dep. Cultural, UERJ) N° 2.
- Hobsbawm, Eric 1990 *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade* (Rio de Janeiro: Paz e Terra).
- Hochman, Gilberto 1993 “Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930)”, in *Estudos Históricos. Os anos 20* (Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas) Vol. 6, N° 11.
- Jardim, Luís s/f “Prefácio”, in Freyre, Gilberto *Artigos de jornal* (Recife: Edições Mozart).
- Leite Lopes, José S. 1994 “A vitória do futebol que incorporou a pelada”, in *Revista da USP, Dossiê Futebol* (São Paulo: USP) N° 22, Jun-Ago.
- Lins do Rego, José 1943 “Prefácio: a biografia de uma vitória”, in Rodrigues Filho, Mário *Copa Rio Branco* (Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores).
- Murad, Maurício 1994 *Corpo, magia e alienação -o negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social* (Rio de Janeiro: Departamento Cultural, UERJ) Pesquisa de Campo N° 0.

- Negreiros, Plínio J. L. C. 1998 “Construindo a nação: futebol nos anos trinta e quarenta”, en *Motus Corporis* (Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho) Vol. 1.
- Reis, José C. 1999 *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC* (Rio de Janeiro; FGV).
- Rodrigues Filho, Mário 1943 *Copa Rio Branco 32* (Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores).
- Rodrigues Filho, Mário 1947 *O negro no foo-ball brasileiro* (Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores).
- Rodrigues Filho, Mário 1964 *O negro no futebol brasileiro* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira).
- Santos, Joel. R. 1981 *História política do futebol brasileiro* (São Paulo: Brasiliense).
- Skidmore, Thomas 1976 *Preto no branco* (Rio de Janeiro: Paz e Terra).
- Skidmore, Thomas 1994 *O Brasil visto de fora* (Rio de Janeiro: Paz e Terra).
- Soares, Antonio J. 1994 *Malandragem, futebol e identidade* (Vitória: UFES-SPDC).
- Soares, Antonio J. 1999 “História e a invenção de tradições no campo do futebol”, in *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro: FGV-CPDOC) Vol. 13, N° 23.
- Vianna, Hermano 1995 *O mistério do samba* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.).